

CADERNO DA PECUÁRIA SUSTENTÁVEL

GTPS
Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável

CAIO PENIDO
Presidente do Grupo de Trabalho da Pecuária Sustentável (GTPS)

A Política Nacional de Mudança do Clima (PNMC) está composta por diversos planos conforme as atividades regionais e econômicas. O Programa de Agricultura de Baixo Carbono (ABC) merece uma análise especial, porque buscou na Ciência as tecnologias a serem aplicadas como política pública para o setor produtivo. Os seus resultados servem de referência para as estratégias que mostrem práticas de produção tropical singulares ao mundo temperado. Trata-se de um modelo que trará repercussão econômica e social positiva para o Brasil, com a inserção dos nossos produtos no mercado internacional. A seguir, o Caderno da Pecuária Sustentável, editado há treze anos pela ***Agroanalysis***, apresenta uma visão bem atualizada dos caminhos a serem seguidos pela pecuária nacional.

PASTAGENS AMIGAS DO CLIMA

CAIO PENIDO, presidente do GTPS
EDUARDO DELGADO ASSAD, pesquisador da Embrapa Informática Agropecuária
JOSÉ CARLOS PEDREIRA DE FREITAS, sócio-diretor da HECTA
JULIO NATALENSE, diretor de Sustentabilidade da Dow
REINHARD KNOCH, consultor da MM Planejamento
ROBERTO STRUMPF, diretor da Pangea Capital

Imaginem 80.000 hectares de pastagens em processo de intensificação, com capacidade crescente para alimentar um rebanho de 79.000 cabeças, em 24 fazendas de pecuária de corte. Tudo isso ao longo de cinco anos, com monitoramento diário e benefícios ambientais para a sociedade por meio da redução de gases do efeito estufa (GEE). Pois bem, esse é o Projeto Carbono Araguaia, uma das iniciativas do movimento Liga do Araguaia (veja ***Agroanalysis***, volume

39, nº 6, junho de 2019, página 22), que foi criado com os objetivos de:

- instalar um ensaio para a análise de carbono no solo em pastagens da Agropecuária Água Viva em Cocalinho-MT;
- monitorar a redução de emissões de GEE em pastagens devidamente caracterizadas; e
- disponibilizar os benefícios da redução de GEE para os Jogos Olímpicos Rio 2016.

O primeiro desafio foi a escolha de uma metodologia para calcular o inventário de emissões de GEE e retratar o modelo de produção nacional da pecuária de corte tropical. Com esse passo, os resultados puderam ser validados pelas auditorias do Comitê Olímpico Internacional (COI).

O modelo escolhido, GHG Protocol Agrícola, incorporou os "fatores de emissão" obtidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e disponibilizados no 3º Inventário Nacional das Emissões Brasileiras, coordenado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). Isso tornou possível traduzir os dados de campo da produção pecuária tropical em balanços líquidos anuais da redução de GEE ao longo do período de 2015/16 a 2019/20.

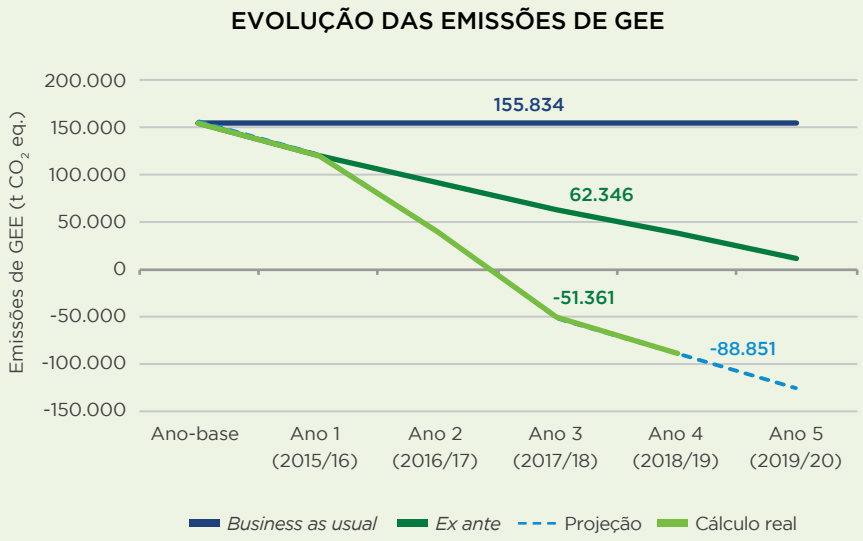
A grande maioria dos fatores de produção do GHG Protocol Agrícola foi determinada pela comunidade científica brasileira por meio da participação de sete unidades da Embrapa. A organização, a criação, o apoio, a divulgação e o estabelecimento couberam ao World Resources Institute (WRI) Brasil.

Os avanços na metodologia de coleta de dados em campo permitiram aumentar o nível de precisão das informações, bem como estimar com mais acurácia as emissões de GEE anuais das fazendas e os respectivos balanços.

Passados três anos de monitoramento, quando se compara a redução das emissões obtidas no período de 2015/16 a 2017/18 e as estimativas do balanço *ex ante* realizado no início do projeto, é possível afirmar que as expectativas foram superadas.

Até o momento, as emissões evitadas foram de 357.230 toneladas de CO_2 eq. Isso representa 67% da meta inicial prevista para os cinco anos de projeto, de 531.028 toneladas





Fonte: GTPS

de CO_2 eq. Esse resultado mostra um aumento de carbono no solo em função da integração Lavoura-Pecuária (iLP) das pastagens, da redução de emissões causada pela redução da idade de abate dos animais e da diminuição de 26% no tamanho do rebanho projetado.

Além de evoluir no sentido de cumprir a principal meta de redução de GEE, o projeto conseguiu retratar em termos do balanço de GEE as consequências positivas do uso mais intenso do solo. O carbono pode ser utilizado como um importante indicador de manejo sustentável das pastagens na busca permanente por uma pecuária cada vez mais regenerativa, de baixo carbono ou carbono neutro.

O alcance da meta estimada para o final do projeto dependerá da continuidade do esforço de intensificação, diretamente ligado à conjuntura observada no setor e à capacidade de investimento de cada fazenda.

A continuidade no acompanhamento do balanço de emissões é fundamental para identificar com maior precisão a correlação entre as decisões de manejo, a remoção de carbono no solo e a intensificação sustentável. Esse conjunto de fatores influencia outros atores da cadeia a incorporarem e reconhecerem essas práticas como atributos diferenciais e competitivos nos mercados. No futuro, podem representar um importante ativo de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA).

Para desmistificar o caráter unicamente emissor atribuído à pecuária bovina, a meta de recuperação de pastagens degradadas estabelecida pelo Programa ABC representa um potencial de redução anual de emissões da ordem de 55 milhões de toneladas de CO_2 eq. De acordo com um levantamento da Embrapa Informática Agropecuária, a possibilidade de intensificar 95 milhões de hectares de pastagens em boas condições corresponde a um potencial de 420 milhões de toneladas de CO_2 eq. a menos em emissões no Planeta. Trata-se de uma notável contribuição da pecuária brasileira no combate às mudanças climáticas.



A PECUÁRIA SEGUE AVANÇANDO

MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA
Sócio da Athenagro e coordenador do Rally da Pecuária

No Rally da Pecuária 2019, a 9ª edição da expedição, os entrevistados durante os eventos e as visitas atingiram a produtividade média de 12,8 arrobas/hectare/ano (@/ha/ano), considerando apenas o ciclo completo. Se toda a pecuária brasileira operasse com tal nível de produtividade, a área total demandada para a produção de carne bovina seria de apenas 55,0 milhões de hectares, ante os atuais 162,5 milhões de hectares. O campo desmonta uma das maiores falácias ambientais difundidas por interesseiros, embusteiros e desinformados: é possível produzir carne bovina em escala, de forma intensiva e produtiva.

Os 10% mais produtivos atingiram 38,8 @/ha/ano. Na mesma comparação hipotética, equivaleria a colocar toda a produção brasileira em apenas 18 milhões de hectares caso todos os produtores operassem com tal nível tecnológico. O potencial tropical para a produção pecuária é inquestionável e ainda muito pouco compreendido.

Os números de 2019 são ainda mais esclarecedores quando comparados aos das edições anteriores. Propositadamente, nessa edição, a Athenagro e a AGROCONSULT (realizadoras da expedição) optaram por reduzir a quantidade de confinamentos na amostra. Na edição de 2018, cerca de 65% dos animais terminados pelo público da amostra passaram pelo confinamento ou pela terminação intensiva a pasto (TIP). Em 2019, passaram apenas 44% dos animais da amostra pelo confinamento. Isso mostra que a tecnificação está ocorrendo no sistema de produção, o que faz com que este não seja impulsionado apenas pela terminação no cocho.

Apesar do número menor de confinamento nessa última edição, os entrevistados relataram um aumento de cerca de 15% no total de animais que passarão pelo cocho até o final de 2019. A TIP aumentará 32% e, em números absolutos, atingirá metade do que é terminado em confinamento. É bom lembrar que se trata da amostra do Rally da Pecuária.

Outro destaque da última edição é o tamanho médio do produtor na amostra. Em 2019, o índice médio de rebanho



por produtor foi cerca de 1.800 cabeças, 30% menos do que a média de 2.600 cabeças dos anos anteriores. É a menor média de tamanho das propriedades desde que o Rally da Pecuária começou a ser realizado.

A análise por nível de produtividade mostrou que, em 2019, apenas 21% dos produtores estavam num nível acima de 18 @/ha/ano, sempre considerando o ciclo completo. Esse grupo, no entanto, foi responsável por 53% das vendas informadas pelos produtores que responderam a pesquisa. Quando se compara a área dos produtores pelas mesmas faixas de tecnologia, constata-se que esse grupo mais produtivo detém apenas cerca de 7% da área total da pesquisa. Essa realidade comprova que a produtividade, a eficiência e a competitividade não dependem do tamanho da fazenda, mas sim da habilidade em decidir, planejar e implementar o pacote tecnológico.

Entre 2011 e 2019, a produtividade média em ciclo completo do público entrevistado pelo Rally da Pecuária aumentou 8,0% ao ano, enquanto a produtividade média da pecuária nacional, no mesmo período, aumentou apenas 2,8% ao ano.

Mais uma vez, cabe a ressalva que a nossa equipe faz questão de destacar desde 2012: o ritmo de concentração da produção bovina é elevado e está acelerando. O grande desafio da sustentabilidade na pecuária brasileira é de ordem social, e não ambiental. Quantas organizações estão atentas e focadas no problema real?

RASTREABILIDADE PARA QUEM?

BRENO FELIX
Diretor de Produtos e Inovação da Agrotools e membro da Comissão Executiva do GTPS

De onde veio esse alimento? Essa é a pergunta que não quer calar e que, a cada novo dia, mais vozes fazem, em coro, com alto e bom som. Prover a resposta para ela, apesar de se tratar de uma temática complexa e desafiadora, é necessário e possível.

No entanto, o desafio torna-se mais ou menos viável quando se aprofunda na questão e, principalmente, quando se pensa sobre quem a faz: se a pergunta vem da agroindústria, que precisa garantir as condições em que a matéria-prima foi produzida; se veio de um supermercado ou restaurante, que se preocupa com o que vai oferecer aos seus clientes; ou, ainda, se é feita pelo próprio consumidor final, que se preocupa com o que vai pôr na sua mesa e oferecer à sua família.

Esses são apenas alguns exemplos, mas que servem para demonstrar que, quanto mais longe do campo de produção está o 'questionador', mais complexo se torna implantar um processo de rastreabilidade.

Outros três fatores implicam fortemente o desenho da solução:

- Natureza do produto: *commodity*, padrão ou nicho;
- Sistema de produção: tamanho do ciclo, escala produtiva e nível tecnológico;
- Movimentações: fases de desenvolvimento, localização e domínio.

Tendo conhecimento desses fatores, fica mais evidente que falar ou exigir rastreabilidade requer, no mínimo, compreender o ecossistema que se relaciona com o produto e para quem são as respostas.

Por fim, cabe questionar quais são os atributos que se deseja entregar com rastreabilidade, afinal informar que um alimento veio do ponto A ou B é só a ponta do *iceberg*. Isso porque, uma vez que se sabe de onde veio, as perguntas seguintes são:

- Quem são o produtor e as pessoas que participaram do cultivo e/ou da produção?
- Quais foram as práticas e os insumos utilizados?
- As terras utilizadas são legais? Respeitam a legislação ambiental?
- Entre outras perguntas, que, a depender de "quem", podem não ter fim.

Já falando especificamente da carne bovina, além de todas essas questões, o mundo (varejo, ONGs, consumidores aqui e do exterior) quer saber não somente de onde veio o animal antes de chegar ao frigorífico, mas sim onde ele nasceu e por onde passou ao longo da sua vida, o que muitos têm chamado de 'monitoramento do indireto'.

E, com isso tudo, a rastreabilidade bovina complicou ainda mais. Ainda bem que a tecnologia tem evoluído a passos largos, e a Agrotools, sempre inovando e atenta ao tema, preparou uma solução especial, chamada Ponto Zero Biológico. Mas isso é um assunto para uma outra prosa bem mais longa... ■